

## DAS IMAGENS DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO ÀS IMAGENS VAGA-LUMES

*Neide das Graças de Souza BORTOLINI<sup>1</sup>*

<https://orcid.org/0000-0003-0312-4087>

Resumo:

Este texto trata das contingências atuais da sociedade brasileira, em face da pandemia mundial causada pela COVID19, à luz de elementos como negacionismo, fascismo e o caos político presente em uma sociedade espetacularizada. Tais situações são analisadas pela perspectiva da imagem, à luz de pensamentos que fizeram a resistência ao fascismo, na Europa no século passado. Esta fala retrata, em parte, a mesa redonda promovida pelo VII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, realizado em 2020.

Palavras-chave: Pandemia. Sociedade do espetáculo. Fascismo. Imagens vaga-lumes.

## FROM THE IMAGES OF THE SOCIETY OF THE SPECTACLE TO THE FIREFLY-IMAGES

*Abstract:*

*This text deals with the current contingencies of Brazilian society facing the Covid-19 pandemic, in light of elements such as denial, fascism and the political chaos present in a spectacularized society. Such situations are analyzed from the perspective of the image, in light of thoughts that made resistance to fascism in Europe in the last century. It depicts part of the roundtable promoted by the 7th Research Seminar of the Graduate Program in Performing Arts at Federal University of Ouro Preto in 2020.*

*Keywords: Pandemic. Society of the Spectacle. Fascism. Firefly-Images.* **Keywords: Pandemic. Society of the spectacle. Fascism. Firefly-Images.**

---

<sup>1</sup> **Neide Bortolini** é Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, na Universidade Federal de Ouro Preto. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas com o projeto de pesquisa *Imagens no vazio, escrita e teatralidades*. E-mail: [neideletra@gmail.com](mailto:neideletra@gmail.com).



## 1. Das imagens da sociedade do espetáculo

Em face das circunstâncias atuais – a pandemia por COVID-19, causada por um vírus de alta letalidade e pouco conhecido, bem como um incomparável caos político –, restam aos pesquisadores e educadores brasileiros a busca de entendimentos para viver o desconhecido, o imprevisível e, quem sabe, de alguma maneira, encontrar luzes para alguns caminhos dentre as diversas situações de angústia. O medo da morte e do sofrimento, assim como a perplexidade diante das diversas formas de negação desse momento histórico, manifestas nas atitudes e nos posicionamentos assumidos, principalmente, por autoridades políticas e do meio jurídico da sociedade brasileira, têm deixado poucas saídas vislumbradas no porvir.

Alguns pensamentos possibilitam rever o medo da morte, ou lidar com o sofrimento, seja ele corporal ou emocional, de modo que há aqueles que buscarão saídas racionais, como acompanhar as notícias e mapear os acontecimentos de forma a ter algum conhecimento da situação, amparando-se em informações seguras, seja do ponto de vista científico ou jornalístico. Contudo, um outro aspecto se coloca, que é a dimensão da imagem dessas realidades circundantes a bordejar o real, uma vez que se escancara a morte ao redor, sem que se tenha nenhum controle, já que está sendo uma luta que se dá contra circunstâncias visíveis e invisíveis.

Outro aspecto desse tempo é que, sobre a própria morte, não há imagem e, segundo a psicanálise, ou as teorias do inconsciente, o problema é que a morte própria não tem registro no aparelho psíquico, ou seja, afastada da consciência é muitas vezes negada, como se acontecesse sempre a um outro e não a si mesmo. Isso se explica, em grande medida, pelo funcionamento do inconsciente e dos mecanismos de defesa da consciência, mais especificamente, a negação, que tende a afastar os fatos que causam angústia da consciência humana, tornando-os irreconhecíveis ou sem registro na dimensão consciente.

Mesmo com os inumeráveis fatos apresentados por outros países que viveram a pandemia antes do Brasil, e que chegaram ao conhecimento das pessoas, tudo isso não fora suficiente para a reflexão e a necessidade de atitudes preventivas e solidárias a respeito do risco de vida tanto pessoal, quanto social. Parece haver, portanto, diversas razões para que a pandemia seja negada. Uma primeira seria esse funcionamento psíquico inconsciente, o mecanismo de defesa chamado “negação”, logo, o risco iminente de morrer não é suficientemente aceito ou percebido. A morte é algo que acontece ao outro, em outra cidade,



em outro país, já que se conhece a morte de outras pessoas, mas, cada um desconhece, quase inteiramente, a própria morte (a não ser aqueles que tiveram alguma vivência de morte iminente ou pessoas que estiveram em coma por algum tempo, por exemplo). De todo modo, a própria morte é um evento sem imagem, e do qual pouco se pode dizer, nada a fazer. Por gerar a mais completa impotência, é negada à consciência, constituindo, assim, um mecanismo de defesa para evitar a angústia e a depressão diante do vazio. Talvez seja por isso que pessoas com menor percepção inconsciente procederão sem compreender ou aceitar o risco da morte, mesmo que duras realidades se estampem diante de cada um, a todo momento. Nesse sentido, vários exemplos históricos pessoais ou sociais poderiam ser dados a respeito dos diversos processos de negação. Segue-se esta compreensão didática que exemplifica bem o tema em questão.

*Negação: é um outro mecanismo de defesa que implica na percepção do mundo tal qual como a pessoa desejaria que ele fosse, não como ele é realmente. As crianças, comumente, negam a realidade, quando esta lhe é desagradável. O devaneio, o sonho acordado do adulto é uma forma de negação da realidade. [...] O indivíduo é levado, muitas vezes, a utilizar do mecanismo de defesa diante de evidências visíveis e indiscutíveis para a maioria das pessoas. Diz-se, por exemplo, que não está com raiva quando, na verdade está sentindo e manifestando uma cólera intensa. Entre as vítimas do nazismo, foi observado que grande parte dos judeus, nos campos de concentração de Treblinka, se comportou como se a morte não existisse, apesar das constantes execuções ocorridas. Para tais pessoas, era tão angustiante a expectativa de serem mortas, a qualquer momento, que acabavam por negar tal evidência (COUTINHO; MOREIRA, 1997, p. 137).*

Essa é uma breve explicação para esses processos de negação de situações adversas e, especialmente, de circunstâncias com risco iminente de morte, mas esses seriam um tipo de escape diferente de se ignorar o problema. Trata-se mesmo de um afastamento da consciência da dura realidade a ser vivida ou enfrentada. Muitos outros exemplos podem ser lembrados a partir deste, inclusive a situação atual da realidade mundial. É demonstrável que não tão somente os mecanismos de negação agem sobre as pessoas, como também se somam a esse fenômeno os mecanismos de controle e agressão à sociedade, de adulteração da realidade, mediante circulação de notícias falsas, que, por sua vez, alimenta a desinformação que favorece a trajetória da mortalidade em massa.

Assim, por meio de formas diversas de negação, sejam as inconscientes ou as conscientes e oportunistas, tais como *fake news*, ideologias falsas, desinformação, as narrativas acerca da doença ou de seus riscos tendem a ser rechaçadas, assim como os conhecimentos advindos das áreas das ciências biológicas, médicas, que inserem esse tema no cotidiano, ou



das áreas humanas e sociais a denunciar os maus usos das mídias e da internet, que não conseguem uma aderência massiva.

Não bastasse o tema da própria morte ser pouco aceito no âmbito pessoal, há um fortíssimo agravante para que a morte seja negada socialmente: na atual conjuntura política, os ditames da chamada sociedade do espetáculo e suas constantes atualizações estão em pleno vigor, o que é feito de forma brilhante pelo uso abusivo e inescrupuloso do poder que fazem aqueles que, por ora, desgovernam. Sobre o atual desgoverno e sua impetuosa ação genocida, talvez seja necessário considerar os altos índices de mortalidade registrados no país, uma vez que vários jornalistas profissionais têm denunciado os assassinatos diretos, sem falar dos indiretos, cometidos pela família de machões e seus cúmplices que ocupam, temporariamente, o governo federal, entre outros estaduais e municipais. Inúmeras ações genocidas estão postas e documentadas: indígenas, mulheres, pobres, LGBTQI+, idosos, negros e doentes são as vítimas mais frequentes, embora ninguém mais esteja a salvo, dada à devastação ecológica, os crimes ambientais e o desvario do agronegócio, enfim, está havendo um desrespeito à Constituição brasileira de uma forma nunca antes vista.

Vários canais de comunicação, de resistência, vêm denunciando os signatários dessa ignorância descomunal, dessa perversidade escancarada, o que, no entanto, não chega à totalidade do povo, justamente porque existem inumeráveis fontes de informação e desinformação, de alienação e de proliferação de inverdades sustentadas por ideologias destrutivas, que têm como propósito principal o domínio dos meios de produção econômica por poucos, sobre o peso do empobrecimento, da miséria e morte de muitos.

O termo “sociedade do espetáculo” foi criado por Guy Debord em 1967, a partir de seu importantíssimo livro, homônimo, que possibilita entender as diversas formas de controles dos canais de comunicação ou das mídias de alcance popular, em diversos níveis de dominação econômica e política da sociedade. A sua obra é constituída por 221 teses, em que esse pensador comunista dimensionou historicamente aquilo que se iniciara no meio do século passado e que se tornaria cada vez mais forte na transição e início deste século XXI: o poder das mídias em influenciar as pessoas, e o mais grave, negativamente, a serviço da economia e da dominação de uma elite sobre as massas.

Escritas no espectro da resistência contra o nazismo e o fascismo que marcaram a Europa e a história mundial do século XX, as teses de Guy Debord, infelizmente, se tornariam sempre mais atuais, de forma que o domínio econômico tomaria cada vez mais os



meios de comunicação de massa e as mídias em geral, resultando em que a alienação estaria imposta nos modos de ser e, sobretudo, de aparecer em destaque perante a sociedade.

Eis a imagem espetacular da ordem dia: aparecer e influenciar ideologicamente grande número de pessoas, a ponto de impor modos de ser e de viver. Isso foi brilhantemente alcançado pela televisão, pelo rádio e pelos jornais, outrora. Gradativamente, esse poder de influência foi sendo substituído pelos novos aparelhamentos tecnológicos da comunicação eletrônica e digital, ou seja, pelas novas formas de controle e indução dos seres pelos mecanismos da internet.

É em 1988 que o autor escreve os formidáveis *Comentários da sociedade do espetáculo*, em 33 teses, bem mais próximas da atual realidade, ou seja, bem mais contemporâneas, ao denunciar esses poderes tão superficiais, por serem tão ilusórios, quanto profundos, ao se pensar no alcance das propagandas, tanto governamentais, quanto comerciais, e sua inserção na formação da sociedade. As imagens espetaculares estão aí, aqui e em toda a parte:

*O espetáculo confundiu-se com toda a realidade, ao irradiá-la. Como era teoricamente previsível, a experiência prática da realização sem obstáculos dos desígnios da razão mercantil logo mostrou que, sem exceção, o devir mundo da falsificação era também o devir falsificação do mundo (DEBORD, 1997, p. 173).*

O autor demonstra como o poder econômico se apropriou dos sistemas governamentais que, por sua vez, dominam todas as formas de comunicação, passando a controlar as massas por suas maneiras de indução ao pensar, ao agir, ao consumir, ou seja, modificando as relações de sobrevivência e trabalho, determinando jeitos de viver em que o falso pode ser tomado como verdadeiro, de modo naturalizado, ao ponto de se deixar de perceber quando as próprias leis estão sendo corrompidas. Isso mostra a fragilidade das relações humanas, tanto no nível interpessoal, quanto coletivo, tornando-se cerne e fonte de muitos problemas da civilização.

Se as teses de Debord, publicadas em 1967, tiveram um caráter político revelador da situação histórica daquele contexto ditatorial vivido pelo autor, já nos seus comentários, de 1988, ele deixaria claro o caráter prospectivo de seu pensamento, definindo o poder de ação do espetáculo nas ditaduras vindouras, em vários lugares do mundo.



*Em 1967, eu distinguia duas formas, sucessivas e rivais, do poder espetacular: a concentrada e a difusa. Ambas pairavam acima da sociedade real, como seu objetivo e sua mentira. A primeira forma, ao destacar a ideologia concentrada em torno de uma personalidade ditatorial, havia acompanhado a contrarrevolução totalitária, fosse nazista ou stalinista. A segunda forma, ao instigar os assalariados a escolherem livremente entre uma grande variedade de mercadorias novas que se enfrentavam, representara a americanização do mundo, assustadora sob certos aspectos, mas também sedutora nos países onde as condições das democracias burguesas de tipo tradicional conseguiram se manter por mais tempo. Uma terceira forma constituiu-se a partir de então, pela combinação das duas anteriores, e na base geral de uma vitória da que se mostrou mais forte, mais difusa. Trata-se do espetacular integrado, que doravante tende a se impor mundialmente (DEBORD, 1997, p. 172).*

Assim o autor explicitará nas formas revolucionárias de pensamento, sua denúncia acerca do genocídio humano, uma vez que testemunhou e documentou essas tristes páginas da história europeia, denunciando a sua persuasão e domínio pelo controle das mídias, em que se instauraram os governos da época.

*A sociedade modernizada até o estágio do espetacular integrado se caracteriza pela combinação de cinco aspectos principais: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico-estatal, o segredo generalizado, a mentira sem contestação e o presente perpétuo (DEBORD, 1997, p. 173).*

Quanto ao primeiro aspecto, o avanço tecnológico, o autor pontua como isso se dá a partir, sobretudo, da Segunda Guerra Mundial, configurando-se daí como a característica da sociedade do espetáculo mais fácil de ser reconhecida neste século XXI, ou seja, a atualidade convive com a impressionante força da internet e sua diversidade de canais para a instauração de ideias, ideologias, pensamentos, modos de ser e viver, e, mais especificamente, de aparecer enquanto forma de dominar os outros, sem respeito à vida e à diversidade dos povos, das culturas ou das sociedades.

Acerca da fusão econômico-estatal que, segundo Debord, marcaria o século XX, isso permanece na dominação espetacular da atualidade, já que o domínio da economia determina a tudo e a todos. Um exemplo bem marcante é o fato de o genocídio secular indígena e a devastação das florestas brasileiras continuarem avançando, a despeito das leis ambientais protecionistas e da Constituição brasileira já resguardarem, desde 1988, essas populações em seus ecossistemas. Cada vez mais a economia prevaleceu sobre o Estado, e, neste momento de pandemia mundial, o governo se dobra mais uma vez aos ganhos econômicos, pelo preço da morte de muitas pessoas.



Sobre o segredo generalizado, Debord afirma ser essa a essência da sociedade do espetáculo, ou seu fundamento, o que se completa com a mentira sem contestação, criando a sociedade da pós-verdade, em que mentiras são tomadas como verdadeiras, em que os fatos reais e significativos não ficam acessíveis a todas as pessoas de forma aberta, coerente e fundamentada em princípios lógicos, reais, científicos ou filosóficos. Acerca da degradação da verdade, o autor afirmou: “[...] a verdade deixou de existir quase em toda parte [...] É evidente que isso traz importantes consequências para a política, as ciências aplicadas, a justiça e o conhecimento artístico” (DEBORD, 1997, p. 176). Isso justifica o exemplo catastrófico da atualidade brasileira, de como a negação da pandemia causada pelo coronavírus vem sendo usada pelo desgoverno federal para mitigar a realidade dos riscos letais da COVID 19.

Nesse sentido, além de uma tendência à negação da doença, própria do ser humano, circula em muitos canais e mídias diversas uma sucessão de imagens espetacularizadas para encobrir a realidade da pandemia. Soma-se a isso, a divulgação de notícias falsas, incompletas ou distorcidas acerca de substâncias e procedimentos mágicos que acabam por envolver temas como contágio, controle e cura da doença numa névoa de desinformação. Eis aí os aspectos todos reunidos e combinados: o segredo acerca das intenções obscurantistas, a mentira deturpando as ciências, e, ainda, a concepção de um presente perpétuo, que pode ser entendido a partir de várias situações, mas que, no contexto desta discussão da pandemia, vem praticamente descrito nas antevisões de Debord:

*A construção de um presente [...] que quer esquecer o passado e dá a impressão de já não acreditar no futuro, foi conseguida pela circulação incessante da informação, que a cada instante retorna a uma lista bem sucinta das mesmas tolices, anunciadas com entusiasmo como novidades importantes, ao passo que só se anunciam pouquíssimo, e aos arrancos, as notícias de fato importantes, referentes ao que de fato muda. Tais tolices dizem respeito sobretudo à condenação que este mundo parece ter pronunciado contra a sua existência, às etapas de sua autodestruição programada (DEBORD, 1997, p. 176).*

Ao se mascarar, enquanto procedimento oficial do sistema de Saúde, o alto índice de letalidade da pandemia, pela subnotificação dos casos e das mortes pela doença, se agravam esses processos de autodestruição.

É nesse sentido que os poderes da imagem do espetáculo, nos termos em que foram definidos e redefinidos por Debord, tem sido determinantes dos modos de convivência humana e das incidências de poderes autoritários no presente, daí a recomendação de sua



leitura aos pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Artes, na busca de mais bem entender o que se passou historicamente nesses campos e como as imagens ilusórias vão sendo tomadas como verdadeiras, sob os desígnios da sociedade do espetáculo, desde a metade do século XX até o atual momento, neste primeiro quarto do século XXI.

## 2. Das imagens vaga-lumes

Há que se considerar, ainda, numa ampliação desta leitura, as considerações de Georges Didi-Huberman, no seu livro *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), em que o autor tematiza o pensamento acerca da resistência ao fascismo, a partir de movimentos de pensadores e artistas, mais especialmente sob a égide de uma imagem posta por Pier Paolo Pasolini acerca dos vaga-lumes, uma perspectiva que permite ao filósofo uma leitura de toda a sua trajetória:

*O protesto de Pasolini, em seu texto sobre os vaga-lumes, mistura inextricavelmente os aspectos estéticos, políticos e até mesmo econômicos desse “vazio de poder” que ele observa na sociedade contemporânea, esse poder superexposto do vazio e da indiferença transformados em mercadoria. “Eu vi com ‘meus sentidos’”, diz ele, assumindo o caráter empírico, sensível e mesmo poético de sua análise, “o comportamento imposto pelo poder de consumo (il poteri dei consumi) de remodelar e deformar a consciência do povo italiano, até uma irreversível degradação; o que não havia acontecido durante o fascismo fascista, período durante o qual o comportamento era totalmente dissociado da consciência”.<sup>2</sup> O aspecto verdadeiramente trágico e dilacerante de um tal protesto se deve ao fato de Pasolini, nesses últimos anos de sua vida, se ver constrangido a abjurar o que havia constituído a base de toda a sua energia poética, cinematográfica e política (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 31-32).*

A síntese desse filósofo contempla toda a realidade histórica do fascismo e da resistência vivida e documentada por Pasolini, mas, especialmente a sua decepção profunda, uma vez que, após a derrota oficial do fascismo, com a queda de Mussolini, a Itália teria ficado sob o regime democrata-cristão, que teria dado continuidade ao regime fascista. Assim, na sequência de ensaios, as imagens dos vaga-lumes servem à demonstração de pessoas que resistiram às insistentes e violentas manifestações do poder autoritário, que vão demolindo as formas populares de resistência, bem como trazendo o genocídio explícito (do

<sup>2</sup> PASOLINI, P. P. L'articolo dele lucciole (1975). In: \_\_\_\_\_. *Saggi sulla politica e sulla società*. W. Sitier S. De Laude (éd.). Milan: Arnoldo Mondadori, 1999. p. 408. Também em trad. francesa de P. Guilhon, L'article des lucioles. In: PASOLINI, P. P. *Écrits corsaires* (1976). Paris: Flammarion, 2005. p. 185. Cf.: DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 31, Nota 30.





qual Pasolini seria vítima) e do chamado genocídio cultural (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 26-27). Tudo isso poderia ser lido, outrora, enquanto páginas da história europeia, no entanto, esses excertos poéticos e políticos de Pasolini, compilados de forma brilhante por Didi-Huberman e relidos sob a ótica da experiência atual, permitem compreender mais profundamente e escrever, também, as páginas da história contemporânea.

*No início dos anos 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, do campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer (sono cominciate a scomparire le lucciole). Foi um fenômeno fulminante e fulgurante (il fenômeno è stato fulmineo e folgorante). Após alguns anos, não havia mais vaga-lumes. Hoje, essa é uma lembrança um tanto pungente do passado (sono ora un ricordo, abbastanza straziante, del passato) [...] <sup>3</sup> (PASOLINI apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 27-28).*

É assim que, a partir da experiência do desaparecimento dos vaga-lumes, Pasolini vai aludindo aos diversos modos de genocídio de sua época, o que não poderia ser mais elucidativo do momento atual. Nesse repertório de alusões a outras imagens vaga-lumes, da confluência desses episódios de pessoas em fuga para esconderijos dos holofotes fascistas, ou mesmo de imigrantes arriscando fugir por fronteiras, passando escondidos nas noites escuras, Didi-Huberman propõe pensar a sobrevivência dos vaga-lumes em uma obra, de grande densidade poética e artística, que reforça o engajamento ou a tomada de posição dos interlocutores frente aos sistemas ditatoriais.

Assim, o desaparecimento dos vaga-lumes apontado por Pasolini não se limitaria apenas a uma crise ecológica, mas constitui metáfora da degeneração fascista que foi combatida por esses pensadores e artistas de esquerda que, de alguma maneira, ascendem e acendem como vaga-lumes luminosos na noite escura. Essa é uma primeira alusão ao próprio jovem Pasolini, e à sua aurática imagem a dançar nu nas montanhas próximas de Bologna (Pievo del Pino), após uma fuga da polícia (entre cães e holofotes), à noite, com os amigos, assim recortados nessa imagem, descrita em uma de suas cartas de 1941: “Aos primeiros clarões do dia (que são uma coisa indizivelmente bela), bebemos as últimas gotas de vinho de nossas garrafas. O sol parecia uma pérola verde. Eu me despi e dancei em honra da luz [...]” (PASOLINI apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 22). Didi-Huberman assim conclui, acerca dos vaga-lumes enquanto uma questão política, estética e histórica, encarnada nos

<sup>3</sup> PASOLINI, P. P. L'articolo dele lucciole (1975). In: \_\_\_\_\_. *Saggi sulla politica e sulla società*. W. Sitier S. De Laude (éd.). Milan: Arnoldo Mondadori, 1999. p. 405. Também em trad. francesa de P. Guilhon, *L'article des lucioles*. In: PASOLINI, P. P. *Écrits corsaires* (1976). Paris: Flammarion, 2005. p. 181. Cf.: DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 27-28. Nota 24.



corpos, ao analisar também outras imagens luminosas nesses tempos obscuros: “Naturalmente – não somente porque Pasolini repetiu durante anos, mas ainda porque nós podemos experimentá-la a cada dia – *a dança dos vaga-lumes*, esse momento de graça que resiste ao mundo de terror, é o que existe de mais fugaz e mais frágil” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 25).

É bem significativa a vinculação entre o pensamento de Pasolini e Guy Debord demonstrados pelo filósofo contemporâneo, enquanto autores que fizeram a resistência em um período particular da história da Europa e com consequências inegáveis para todo o mundo. Suas vozes se unem na percepção da perversidade dos governos ditatoriais (ditos democráticos), bem como no entendimento de que os mecanismos da sociedade do espetáculo, a conduzirem o povo, têm sempre uma origem econômica e elitista, um veículo midiático de formação de ideias. Nesta citação apresentada por Didi-Huberman fica clara a confluência de pensamentos sobre esses aspectos que prevalecem na atualidade.

*Quanto à “sociedade do espetáculo” fustigada por Guy Debord, ela passa pela unificação de um mundo que “está mergulhado indefinidamente em sua própria glória”, ainda que esta glória seja a negação e a separação generalizada entre os “homens vivos” e sua própria impossibilidade de aparecer senão sob o reino – à luz crua, cruel, feroz – da mercadoria.<sup>4</sup> Em 1958, num texto intitulado “Néocapitalisme télévisuel” [Neocapitalismo televisual], Pasolini já havia constatado a que ponto as luzes da telinha destruíram a própria exposição e, com ela, a dignidade dos povos: “[A televisão] não somente deixa de contribuir na elevação do nível cultural das camadas inferiores, mas ainda provoca nelas o sentimento de uma inferioridade quase angustiante”<sup>5</sup>. Eis a razão pela qual “não há mais povo”, não mais vaga-lumes em nossas grandes cidades, assim como em nossos campos (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 35-36).*

É desse modo que tanto Pasolini quanto Debord, retomados por Didi-Huberman, localizam as raízes da preponderância do fascismo, mesmo quando já se instalavam governos pseudodemocráticos na Europa, usando os mecanismos dos meios de comunicação de massa. E o mesmo se repete no presente, com a evolução das tecnologias que operaram com as ditas *fake-news* para a instalação, no Brasil, de um governo fascista e inescrupuloso. A crise, portanto, além de ser política, é econômica, pela manutenção de privilégios de elites mediante

<sup>4</sup> DEBORD, G. *La société du spectacle* (1967). Paris: Gallimard, 1992. p. 16-21. Cf.: DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 35. Nota 39.

<sup>5</sup> PASOLINI, P. P. *Néocapitalisme télévisuel* (1958). Trad. C. et H. Joubert-Laurencin. In: \_\_\_\_\_. *Contre la télévision et autres textes sur la politique et la société*. Besançon: Les Solitaires Intempestifs, 2003. p. 22. Cf.: DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 36. Nota 40.



a fome de muitos; e tais crises se fundamentam nas imagens espetaculares que impregnam as várias formas de ser e de viver, gerando uma sociedade anômala, em que não há mais sentimento de coletivo ou solidariedade, dada a afirmação de poderosos e criminosos, mesmo onde seriam necessários e fundamentais os diálogos, a união e a solidariedade.

Assim, a crise sanitária mundial deflagrada pela pandemia choca-se com a realidade brasileira, em sua crise política, econômica e social, logo, reconhecer as ideias desses pensadores que se posicionaram contra o fascismo em todas as suas feições permite pensar na sobrevivência de vaga-lumes e suas danças possíveis em tempos obscurantistas.

## Referências

- CHEMAMA, Roland (org.). **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1998.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Seguido do prefácio da 4ª edição italiana; Conteúdo parcial de: DEBORD, Guy. **Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Rev. Consuleo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FERNANDES, Bob. CANAL do jornalista Bob Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfpLDZ2PrbFnNrIzRHiU8ZQ/vídeos>. Acesso em: 26 jun. 2020.

*Recebido em 27 de janeiro de 2020  
Aceito em 29 de maio de 2021*

